

# ENSINO DE HISTÓRIA E A PRESENÇA DE MULHERES NEGRAS NOS MATERIAIS DO MUSEU AFRO BRASIL/SP: DOS OBJETOS CULTURAIS ÀS TECNOLOGIAS DIGITAIS

## HISTORY TEACHING AND THE PRESENCE OF BLACK WOMEN IN THE MATERIALS OF THE MUSEU AFRO BRASIL/SP: FROM CULTURAL OBJECTS TO DIGITAL TECHNOLOGIES

### ENSEÑANZA DE LA HISTORIA Y LA PRESENCIA DE MUJERES NEGRAS EN LOS MATERIALES DEL MUSEO AFRO BRASIL/SP: DESDE LOS OBJETOS CULTURALES HASTA LAS TECNOLOGÍAS DIGITALES

Jaqueline Ap. Martins Zarbato<sup>1</sup>  
Nelson Barros da Silva Junior<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo visa analisar a representatividade de mulheres negras no museu Afro Brasil (SP), a partir de alguns objetos, adornos, vestimentas vinculadas como intrínsecas as experiências dessas mulheres, percebendo como o museu apresenta e discute a presença de mulheres negras no seu acervo. A análise será feita a partir dos textos, materiais de apoio do setor de Pesquisa e de Educação do MAB e disponíveis no sítio ‘web’ do museu, explicitando como o museu apresenta e discute a presença de mulheres negras no seu acervo que podem contribuir para ensinar história. Teoricamente, embasamos a abordagem pelos conceitos de representatividade e representação cultural, pela história das mulheres negras, memória e ensino de história. Metodologicamente, o artigo apresenta as dimensões analíticas e conceituais das memórias femininas negras na sua potencialidade, com análise dos objetos e da cultura material que possibilitam a aprendizagem histórica para crianças e jovens estudantes. Fundamentando, assim, as ‘interfaces’ entre análise do museu como espaço de memória e a vinculação e apresentação ao público sobre a contribuição cultural das mulheres negras em diferentes períodos históricos (recorte que realizamos a partir dos objetos analisados). O intuito de investigar essas representatividades se dá para fomentar a importância da problematização, pela perspectiva histórica, sobre o que expressam as exposições do museu.

**Palavras-chave:** Mulheres negras; Museu afro Brasil; Ensino de história; Memória.

**Abstract:** This article aims to analyze the representation of Black women at the Afro Brasil Museum (SP), focusing on certain objects, adornments, and garments intrinsically linked to the experiences of these women, examining how the museum presents and discusses the presence of Black women in its collection. The analysis will be based on texts, supporting materials from the Museum's Research and Education department, and those available on the museum's website, highlighting how the museum presents and discusses the presence of Black women in its collection, which can contribute to teaching history. Theoretically, the approach is grounded in the concepts of representativity and cultural representation, the history of Black women, memory, and history teaching. Methodologically, the article presents the analytical and conceptual dimensions of Black women's memories in their potential, with an analysis of objects and material culture that enable historical learning for children and young students. This thus grounds the 'interfaces' between museum analysis as a space of memory and the connection and presentation to the public about the cultural contributions of Black women in different historical periods (a focus we make based on the analyzed objects). The purpose of investigating these representations is to foster the importance of questioning, from a historical perspective, what the museum exhibitions express.

**Keywords:** Black women; Afro Brazil Museum; Teaching history; Memory.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo analizar la representación de las mujeres negras en el Museo Afro Brasil (SP), a partir de algunos objetos, adornos y vestimentas intrínsecamente vinculadas a las experiencias de estas mujeres, observando cómo el museo presenta y discute la presencia de mujeres negras en su colección. El análisis se realizará a partir de los textos, materiales de apoyo del área de Investigación y Educación del MAB y disponibles en el sitio web del museo, explicando cómo el museo presenta y discute la presencia de mujeres negras en su colección, lo que puede contribuir a la enseñanza de la historia. Teóricamente, fundamentamos el enfoque en los conceptos de representatividad y representación cultural, la historia de las mujeres negras, la memoria y la enseñanza de la historia. Metodológicamente, el artículo presenta las dimensiones analíticas y conceptuales de las memorias de las mujeres negras en su potencialidad, con un análisis de los objetos y la cultura material que permiten el aprendizaje histórico para niños y jóvenes estudiantes. De este modo, fundamental las 'interfaces' entre el análisis del museo como espacio de memoria y la vinculación y presentación al público sobre la contribución cultural de las mujeres negras en diferentes períodos históricos (un recorte que realizamos a partir de los objetos analizados). El propósito de investigar estas representaciones es fomentar la importancia de problematizar, desde la perspectiva histórica, lo que expresan las exposiciones del museo.

**Palabras clave:** Mujeres negras; Museo Afro Brasil; Enseñanza de la historia; Memorias.

## Introdução

Em 1851, Sojourner Truth fez um dos discursos mais famosos da luta antirracista e antissexista. Ela foi escravizada por 40 anos, viveu outros 40 como uma mulher livre, subiu ao palco na primeira Convenção Nacional pelos Direitos das Mulheres nos Estados Unidos, em 1852 e questionou: “Por acaso não sou uma mulher?”<sup>3</sup>.

Esse questionamento de Sojourner Truth motivou a reflexão deste artigo, em que pretende-se analisar a importância da representatividade e representação cultural feminina negra em espaços como o Museu Afro Brasil/SP. A análise projetada se dará a partir de objetos da exposição permanente do Museu Afro Brasil/SP, o qual foi escolhido tanto pela perspectiva da representação negra no Brasil, como pelos números de bens patrimoniais relacionados à memória, representação e visibilidade africana e afro-brasileira. E, deste modo, especificamos ainda mais, circunscrevendo a análise pelas memórias femininas negras e de que maneira esses bens culturais das mulheres negras podem ser problematizados no cotidiano do ensino de história.

O Museu Afro Brasil/SP, contexto de nossa análise está sediado no Parque do Ibirapuera em São Paulo, conta em sua maioria com bens culturais patrimoniais materiais e imateriais de grupos africanos e afro-brasileiros. E tem uma disposição de artefatos, bens patrimoniais, vestimentas, adornos, equipamentos de trabalho, religiosos, cotidianos de vários grupos africanos e afro-brasileiros. Tem como missão “promover o reconhecimento, a valorização e a preservação da cultura brasileira, africana e afro-brasileira” (Museu Afro Brasil, 2022).

Ao compreender que esse museu tem uma vasta gama de bens culturais africanos e afro-brasileiros, encaminhamos a investigação sobre alguns bens culturais de origem feminina. Isso porque esses bens podem significar fontes históricas a serem apresentadas às crianças e jovens nos espaços educativos<sup>4</sup>. Desta maneira, metodologicamente, pontuou-se no artigo apresentar as concepções históricas sobre memória, representatividade e representações de mulheres negras, sobre a contribuição da História das Mulheres Negras no ensino de História num primeiro momento.

Essas análises foram possíveis a partir de três visitas presenciais ao Museu. As três visitas compreenderam uma semana de levantamento das fontes históricas: painel de objetos femininos e masculinos, fotos das estátuas, dos quadros, das revistas que pertenciam à exposição permanente, já que é por esta que se dá a visita guiada com o público escolar. Acompanhamos, desta forma, duas visitas guiadas, anotando as explicações sobre os bens culturais femininos.

E após essa visita *in loco*, realizamos a visita virtual para tecer as análises, não com caráter comparativo, mas visando perceber como se dava a explicação dos bens culturais femininos. E, assim, para esta reflexão, foram selecionados os bens culturais

que são mencionados nas visitas guiadas no museu.

Nesse processo de análise, compreendemos que o museu tem uma função social, como agente de comunicação e intervenção, que permite pensarmos sobre a emergência de problematizar as ações das mulheres neste espaço. Ou seja, analisar em diferentes frentes a sua contribuição cultural, como curadoras, expositoras, com suas coleções e bens patrimoniais. É o sentido de ampliar o olhar, percebendo que o bem patrimonial pode ser passível de leituras de mundo pelo viés feminino, mesmo que seja com sentimento de estranhamento.

Abordar a História das mulheres e a contribuição de seu saber cultural contribui para refletir sobre a representatividade e as experiências desse saber, que remetem a diferentes formas de ser e estar na sociedade. No delinear de Ochy Curiel (2019, p. 32) “[...] as propostas decoloniais, em suas diversas expressões, têm oferecido um pensamento crítico para entender a especificidade histórica e política de nossas sociedades [...] oferece uma nova perspectiva de análise”. Lançando assim o olhar para o processo de emancipação feminina, o que contribui para a visibilidade e demarcação de espaços de fala das mulheres excluídas nos processos de decisões, nas dimensões do que contribuem na sociedade.

A história das mulheres, pautada pelas análises de Michele Perrot (1998), contribui para a superação do silêncio sobre as mulheres, em que embasamos a análise realizada no museu. Isso porque, “escrever história exige ter fontes, sejam documentais ou não, mas até isso dificulta quando se trata da história das mulheres, sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios desfeitos e, seus arquivos destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios” (Perrot, 1988. p. 21).

Em relação ao que analisamos nas exposições, tomamos como parte elucidativa da aprendizagem histórica, uma vez que tem significados, símbolos, vestimentas que podem (re)contar as memórias das mulheres negras. E como aponta Maria E. A. Valente (2005, p. 8):

[...] a exposição enquanto instrumento de comunicação, constitui a ação central de difusão dos museus, pois oferece ao visitante não só a oportunidade de ver, mas de pensar, descobrir, explorar, desejar e investigar, explicita aí o seu papel educativo, na medida em que difunde mensagens e conhecimentos extraídos da análise de um acervo preservado, a partir de diferentes formas e atendendo diferentes perspectivas e temáticas.

As ligações entre produção da memória, identidades e identificações de determinados grupos culturais que ficam expostas em museus tem sua singularidade, e estão fundamentadas em algumas concepções de representatividade para a sociedade contemporânea. Há escolhas para os bens que serão apresentados ao público, com a

curadoria faz-se um percurso que pode ser compreendido pelo público.

E nesse percurso fomos percorrendo os corredores e acompanhando as trajetórias explicitadas nas exposições, desde a entrada do museu com adornos religiosos até a réplica de uma embarcação que trouxe os escravizados para o Brasil.

Envolver a leitura de mundo e a aprendizagem histórica foi sendo o motivador de cada visita ao museu, pois, ao se adentrar, emerge em cada um de nós uma série de sentimentos, identificações, memórias relacionadas a este bem patrimonial como testemunho material para a história, tanto do ponto de vista da ocupação do espaço da cidade, quanto dos padrões estéticos expressivos de que memória evocada pela circularidade na edificação.

Os museus podem ser compreendidos como espaços culturais que contribuem para a preservação da memória de diferentes grupos culturais. Dessa forma, “se constituem importantes espaços de aprendizagens, contribuindo significativamente para o conhecimento, o respeito e a valorização do patrimônio sócio-histórico e cultural dos povos” (Fonseca, 1997, p. 224). No processo metodológico<sup>5</sup> escolhido, baseamos a perspectiva de observação/análise dos bens culturais, selecionando os que tinham identificação de uso feminino, como forma de vislumbrar a representação, quer fosse pela sociabilidade, trabalho, uso doméstico, religioso, ou envolvendo as identificações com as possibilidades de ensinar história com os bens culturais femininos do Museu.

### **O Museu Afro Brasil/ SP: construindo o percurso histórico-educativo.**

O Museu Afro Brasil está situado em São Paulo, tendo em seus 11 mil metros quadrados um acervo com mais de 6 mil obras. Há pinturas, esculturas, gravuras, fotografias, documentos e peças etnológicas, de autores brasileiros e estrangeiros, os quais foram produzidos entre o século XVIII até os dias de hoje. Abarca diversos aspectos dos universos culturais africanos e afro-brasileiros: a religião, o trabalho, a arte, a escravidão, entre outros temas que registram a trajetória histórica. Foi inaugurado em 2004, a partir da coleção particular do Diretor Curador Emanoel Araújo, é uma instituição pública, subordinada à Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo e administrado pela Associação Museu Afro Brasil/ Organização Social de Cultura, com Exposição de Longa Duração, Exposições Temporárias e dispõe de um Auditório e de uma Biblioteca especializada que complementam sua Programação Cultural ao longo do ano. O Museu possui vários projetos relacionados à valorização dos grupos africanos e afro-brasileiros.<sup>6</sup> Percebe-se que o Museu Afro Brasil/SP tem a proposição de valorizar as memórias africanas e afro-brasileira, com inúmeros bens culturais dispostos.

Na análise que pontuamos sobre a exposição permanente do museu, visitamos três

vezes o espaço, entre 2021 e 2022.<sup>7</sup> Entretanto, são muitos bens culturais para realizar uma investigação, o que nos levou a restringir nossa análise aos bens culturais femininos e suas possibilidades de utilização no ensino de história. A intenção de elucidar com mais detalhes alguns objetos, imagens de mulheres negras, visa encaminhar a abordagem “contra a opressão de gênero e de raça, que vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e antirracista, enriquecendo tanto a discussão da questão racial, como a questão de gênero na sociedade brasileira” (Carneiro, 2011, p. 8).

Nesse processo de análise, fundamentamos as discussões sobre a categoria exposição, uma vez que faz parte de todo o contexto do museu. E a expologia proposta por André Desvallées (1998, p. 221) faz parte da Comunicação Museológica, como “a pesquisa de uma linguagem e de uma expressão fiel na tradução de programas científicos de uma exposição.”

Deste modo, a análise foi realizada em alguns bens patrimoniais dispostos no museu, utilizando para a investigação as estátuas, fotos, quadros, retratos de diferentes períodos históricos, imagens e textos. E, posteriormente, apresentamos os roteiros temáticos do Núcleo de Educação, projetando algumas possibilidades de leituras históricas e culturais. A setorização da análise se deve principalmente pela contextualização histórica e, também, pelo teor de detalhes dos objetos que podem ser problematizados, com leituras diferenciadas conforme o público que adentra ao museu.

As imagens subsequentes apresentam mulheres negras em diferentes situações. Elas estão dispostas no museu numa única parede. Seus trajes apresentam detalhes, rendas, laços, estão representadas em diferentes poses, mas percebe-se um padrão. Os detalhes, como os penteados, também têm um padrão, assim como a postura das mulheres, com poucos adornos. Pode-se dizer que são vestimentas que eram usadas pelas mulheres no período colonial brasileiro, com características que remontam às formas de comportamento desse período histórico.

Sura Carmo e Flávia Vieira (2020, p. 101), em seu estudo sobre os modos de vestir da negra de ganho no Brasil nos séculos XVIII e XIX, destacam o “vestuário como uma linguagem simbólica que transmite uma série de informações sobre o indivíduo. O corpo, seminu ou vestido, das pessoas negras no período colonial e imperial no Brasil estava repleto de códigos que, transmitiam a situação jurídica e espaço relegado ou conquistado na sociedade”.

Essas imagens estão na exposição permanente do museu, apresentam mulheres negras, não há descrição de seus nomes, mas nota-se a presença de representações coloniais pela vestimenta, vestidos com rendas e elas estão com cabelos presos em coques, com uso de adornos como leques de mão.

Figura 1: quadros de negras (vestimenta)



Fonte: Museu Afro Brasil (2022).

Os objetos podem encaminhar a duas perspectivas de abordagem cultural: uma que é a de ser utilizado, a outra a de ser possuído. A primeira depende do campo de totalização prática do mundo pelo indivíduo, a outra um empreendimento de localização abstrata realizada pelo indivíduo sem a participação do mundo. Estas duas funções acham-se na razão inversa uma da outra (Baudrillard, 1993, p. 94).

A possibilidade em reconhecer nesses objetos práticas de sua condição cotidiana parece estreitar o sentido que as imagens apresentam. Imagens que são textos, já que como a fotografia, tem que ser compreendida como um documento que transmite informação registrada “em um suporte papel (fotografia analógica) ou eletrônico (fotografia digital), registra um momento, um instante do passado, do presente de nossas vidas, constituindo a construção da história, da cultura, da educação de uma sociedade” (Boccato; Fujita, 2006, p. 85).

Ainda retratando algumas questões relacionadas ao período colonial brasileiro, há na exposição permanente um quadro, com duas estatuetas e um texto sobre as amas de leite.<sup>8</sup> Eram mulheres negras, que amamentavam as crianças brancas. “de Portugal transmitira-se ao Brasil o costume das mães ricas não amamentarem os filhos, confiando-os ao peito de saloias ou escravas. [...]: o precioso leite materno era quase sempre substituído pelo leite mercenário das amas.” (Freyre, 2001, p. 460).

Figura 2 e 3: amas de leite



Fonte: Museu Afro Brasil (2022).

As mulheres negras escravizadas foram, de jovens à idosas, conduzidas a uma condição maternal com as mulheres brancas no período colonial, num discurso que convertia a exploração em traço de troca de papéis sociais. E as amas de leite representam essa substituição de papéis. Pode-se dizer que as nutrizes foram definitivas em relação às mulheres e crianças brancas da sociedade, assim como na vida íntima feminina. Isso porque, os médicos do século XVIII diziam que enquanto a nutriz amamentava seu filho não podia ter relações sexuais, pois o esperma estragaria o leite e o faria azedar (Koutsoukos, 2010).

Analizar essas imagens de mulheres negras com as crianças brancas, permite que se apresente um cenário comum no período colonial brasileiro, o qual precisa destacar o saber/fazer das mulheres negras. Um sentido histórico de valorizar a contribuição delas para além de seu trabalho em diferentes espaços sociais, uma contribuição que gera e engendra a vida de crianças brancas. Trazer essas imagens para o museu amplia o sentido e significado histórico de quem foram essas mulheres, nesse caso, com o texto, envolve o visitante na leitura sensível sobre essas mulheres negras.

A representatividade das mulheres negras começou a ser reconhecida com maior vigor após políticas de ações ocorridas na sociedade brasileira<sup>9</sup>, as quais propiciaram uma representação feminina em sua diversidade de tipos, gostos, corpos, origens e influências culturais.

Em meio ao espaço patrimonial, como nos bens culturais em museu, os imaginários são aflorados, os olhares aguçados encaminhando as leituras do que se reconhece e do que se estranha no contato com os bens patrimoniais. No caso do patrimônio afro-brasileiro torna-se necessário aprofundar as abordagens das ações sociais, culturais e políticas que remontem não só às reminiscências do passado, mas que também podem ressignificar a presença de mulheres negras em diferentes tempos históricos e em espaços de memória.

Não mais lembrar somente pelas marcas do corpo, da cor, dos trabalhos forçados,

mas pela beleza das danças, pelas conquistas e demarcações políticas no cotidiano brasileiro, de tantas formas que se pluralizam nas exposições de ações negras em diferentes lugares.

Rechena (2011, p. 239), aponta que “[...] também entendido como um ato de justiça e um passo em frente na construção de uma sociedade mais justa, que aplica os conceitos de igualdade de gênero, de inclusão social e de democracia participativa”. Em outras palavras, a museologia de gênero contribui para uma dimensão que valoriza a equidade social, dando visibilidade às mulheres e às suas realizações.

Em busca de imagens, objetos, adornos, estátuas, vestimentas das mulheres negras no Museu Afro Brasil foi possível perceber a vastidão de materiais disponibilizados, alguns com descrições mais detalhadas, com informações sobre os objetos. Ampliar as explicações históricas, promover a problematização sobre os trabalhos exercidos e sua importância na trajetória das mulheres e na construção cultural do Brasil permite que se ultrapasse a ‘mera contemplação’ da imagem no quadro do museu.

São imagens plurais, como da estátua feminina, em tamanho real, como se vislumbrássemos a seu pertencimento neste lugar de memória. Em que é possível contemplar as minúcias de sua vestimenta (do brilho do tecido à composição do conjunto de saia e blusa), do espelho de Oxum na mão, dos colares, pulseiras e adorno na cabeça, os quais são identificados no museu como homenagem a Oxum<sup>10</sup>.

Figura 4: estátua de mulher negra-museu AfroBrasil. Oxum



Fonte: Arquivo da autora.

Essa imagem da mulher negra no Museu Afro Brasil, com saia rodada nos faz rodar pelo mundo místico das religiões africanas e afro-brasileiras, nos levando a conhecer Oxum e seus encantos.

# ARTIGO

E sobre esse mundo místico das religiões, o museu possui projetos que são utilizados com crianças, jovens e públicos diversos no setor educativo. Sobre a religiosidade, há o projeto: Festas. O Sagrado e o Profano, em que há um roteiro sobre Festas. “O Sagrado e o Profano, você terá oportunidade de conhecer obras que representam a tradição das celebrações festivas presentes na cultura popular brasileira em três importantes festas nacionais” (Museu Afro Brasil, 2022).

Em relação a contribuição dos grupos africanos e afro-brasileiros, há no setor educativo do museu o projeto: Arte e religiosidade afro-brasileira. Esse projeto tem como objetivo realizar:

[...] um percurso introdutório para você conhecer e pensar sobre arte e religiosidade afro-brasileira, a partir de algumas obras presentes no acervo do Museu Afro Brasil. O núcleo de Religiosidade Afro-brasileira da exposição de longa duração é constituído por obras de artistas afro-brasileiros, e apresenta a criação nas artes visuais, revelando o quanto a nossa arte se desenvolveu pelo talento e pelas mãos de negros e mestiços (Museu Afro Brasil, 2022).

Nesse sentido, pode-se dizer que o processo de imersão cultural no museu, a partir dos bens culturais de mulheres negras favorecem o deslocamento de uma concepção única sobre o saber-fazer no passado-presente. Ofertam possibilidades de aprofundar e até mesmo relacionar ao cotidiano de quem observa as imagens, adornos, vestimentas, utensílios, etc. Pois, uma das abordagens que se pretende ao apresentar as mulheres negras em museus é discutir sua (in)visibilidade e contribuição em diferentes espaços tempos sociais, econômicos, culturais e políticos no Brasil.

A representatividade num espaço museológico se torna, não só uma produção de conhecimento sobre essa estátua como também uma ampliação dos diálogos das religiões de matriz africana, num sentido de decolonizar as percepções de cada visitante. Seria o que Frainçoise Vergès (2023, p. 83), dialoga sobre a não neutralidade dos museus. A autora aponta que, por trás da neutralidade, “o museu tem participação nos processos de dominação e na representação do Estado-Nação sobre si mesmo” (Vergès, 2023, p. 83).

Na exposição permanente sobre balangandãs no Museu Afro Brasil-SP há a explicação de que são joias as quais tem reprodução de elementos ligados à natureza (como cachos de uvas, romãs) ou outros elementos ligados à símbolos católicos e do candomblé. Isso denota a variedade de informações presentes nessa exposição, os quais podem contribuir para o entendimento da valorização histórica dos artefatos e adornos femininos negros.

Figuras 5,6,7,8: exposição Balangandãs



Fonte: Arquivo da autora.

Ao lado dos adornos, há uma explicação detalhada do fazer dessas joias, inclusive com trechos da descrição de Jean-Baptiste Debret<sup>11</sup>, de que eram mais utilizados por escravas alforriadas na Bahia e pouco utilizadas em outras regiões do país. Ao narrar sobre a coleção balangandãs, pode-se aprofundar a análise de que esses adornos descritos como parte do cotidiano feminino, de rituais de casamento, nascimento, males do corpo somente de grupos de escravas alforriadas tornaram-se parte dos hábitos de muitas pessoas no Brasil.

É importante destacar que a explicação sobre os balangandãs remete ao universo feminino, mas que em alguns grupos culturais pode ser utilizada também por homens, o que nessa exposição não está em evidência. “A joia, por exemplo, pode ser analisada como um objeto confeccionado para o uso e que comporta uma infinidade de simbologias, é um artefato rico em indícios para pesquisa”, segundo Gola (2008, p. 16).

De certa maneira a representividade dos objetos como adornos femininos contribui com a memória histórica dessas mulheres, seja em sua ancestralidade ou mesmo no que reservam como herança africana. Há balangandãs para muitos fazeres, desde místicos até a diferenciação entre os grupos culturais: ‘amuletos religiosos’, ‘uso pelas negras quituteiras’, ‘uso em dias de festas’, entre outros.

# ARTIGO

Por isso é importante refletir sobre os usos didático-históricos dos bens musealizados, uma vez que nos levam a apreender não uma significação, mas sim uma gama de bens culturais ancestrais.

No setor educativo do museu, chamado Núcleo de Educação, percebemos algumas potencialidades para a aprendizagem história pelos bens culturais dispostos no museu. Num processo de “uma formação crítica e integral dos indivíduos, sua emancipação e atuação consciente na sociedade com o fim de transformá-la” (Costa *et al.*, 2018, p. 74).

No Núcleo de Educação há roteiros de visitas, oficinas, eventos, encontros e publicações, como a Revista do Núcleo de Educação do Museu Afro Brasil/ EDUCAMAB. É importante ressaltar que os roteiros de visitas temáticas sugerem aos visitantes possíveis percursos a serem realizados.

Nesse sentido, o visitante pode explorar nestes roteiros as exposições de longa duração, exposições temporárias e os outros roteiros temáticos que abordam outros setores do museu. Além disso, os materiais organizados pelo Núcleo de Educação também abordam leituras de obras, como por exemplo: “Canto para Ogum”, “Estudo para incômodo” e “Calunga”. Há também, leituras sonoras como as “Congadas” e “Maracatu”.

É imprescindível ressaltar que estes materiais de apoio fornecem condições para o processo de aprendizagem a partir de objetos e fontes históricas. Por sua vez, os projetos, a revista e o material de apoio do Núcleo de Educação estão disponíveis na página do museu<sup>12</sup>.

Selecionamos, neste sentido, dois roteiros de apoios educativos que podem ser relacionados com as imagens analisadas acima e que possibilitam o aprofundamento sobre a representação das mulheres negras, nas aulas de história. O primeiro trata sobre os núcleos pertencentes a exposição de longa duração e o segundo sobre os núcleos localizados na exposição temporária.

Figura 9: Roteiro de Visita da exposição Arte e Religiosidade Afro-Brasileira



Fonte: Museu Afro Brasil (2022).

# ARTIGO

A imagem acima corresponde ao roteiro de visita da exposição permanente “Arte e Religiosidade Afro-Brasileira”. A manifestação da religiosidade no acervo do Museu Afro Brasil é representada a partir de formas, cores e sentidos. O roteiro contém 13 páginas entre textos, imagens e verbetes no qual o professor de história pode explorar anteriormente a visita. Há uma rica seleção de obras apresentada, que, em seu turno, revela os valores coletivos enraizados na cultura das diferentes religiões de matriz africana.

O roteiro em si, expõe obras produzidas por distintos artistas e apresenta a complexidade das origens, credos ou períodos. Além disso, o roteiro contém 13 páginas entre textos, imagens e verbetes no qual o professor de história pode explorar anteriormente a visita. Há uma rica seleção de obras apresentada, que, em seu turno, revela os valores coletivos enraizados na cultura das diferentes religiões de matriz africana. De acordo com a apresentação do documento do Núcleo de Educação do Museu Afro “O tema deste roteiro, portanto, é a presença desta Religiosidade Afro-Brasileira em nossas vidas e em nossa arte. Capazes de superar grandes obstáculos, atravessar fronteiras e fazer presentes religiões afro-brasileiras” (Museu Afro Brasil, 2022).

Figura 10: Roteiro de Visita Virtual



Fonte: Museu Afro Brasil (2022).

As possibilidades de fazer a visita online podem favorecer o conhecimento tanto do museu em si, quanto dos bens culturais femininos, como o roteiro de visita temático “Festas. O sagrado e o Profano”. Segundo o documento, é “um roteiro que permite a comunidade externa e professores a acessarem a exposição temática de forma virtual, que, em seu turno, possibilidade que o professor promova novas abordagens e pré

visitas contextualizadas em sala de aula” (Museu Afro Brasil, 2022).

Ao analisar esse roteiro virtual, pode-se dizer que, oportuniza e democratiza o acesso ao museu. E com isso amplia o número de educandos/as e educadores/as que podem apreender sobre a ancestralidade africana e afro-brasileira, pois o acesso virtual “(...) é apenas um ponto de partida, um convite para que você conheça o museu Afro Brasil”.

Neste sentido, é evidente que o Museu Afro Brasil reconhece os desafios decorrentes da contemporaneidade, isso porque, com o passar dos anos, a relação entre educação e tecnologia se estreitou de maneira incomensurável. Os espaços museológicos também foram inseridos nessa relação, pois, sendo um espaço educativo, que desperta curiosidade e um espaço histórico, rico em objetos e relações históricas, é evidente que novas maneiras de pensar e promover acessibilidade aos museus foram desenvolvidas.

Tereza Scheiner (1994) é assertiva ao afirmar que esses museus são museus ‘de não lugares’ e, simultaneamente, de todos os lugares. Em outras palavras, a virtualidade possibilita que o visitante utilize o museu por meio de notebook, computadores, tablets e celulares em tempo real. Rute Muchacho (2005) demonstra a relevância do desenvolvimento da tecnologia da informação e comunicação para os espaços museológicos. A autora concorda com Tereza Scheiner (1994) quando afirma que os museus são, de fato, importantes instrumentos de comunicação, logo, podem e devem aproveitar todo o progresso comunicacional e tecnológico que estiver à sua disposição.

Investigar as possibilidades do Ensino de História pelo prisma da cultura material feminina negra encaminha para particularidades, elencadas principalmente pela perspectiva da educação patrimonial.

Já que a Educação Patrimonial visa desenvolver a sensibilidade e a consciência dos sujeitos em prol da preservação dos vestígios culturais. A Educação Patrimonial no Ensino de História abre portas e portais, afasta as cercas, os muros e os “ismos” e visa a formação dos sujeitos capazes de narrar, criar e cocriar sua própria história cultural.

São muitas histórias, memórias, saberes e sujeitos envolvidos no processo de representação cultural. Nos “interessa pensar a educação como alguma coisa que não se faz sem se ter em conta um determinado patrimônio cultural e determinados aspectos da memória social” (Chagas, 2004, p. 145).

Entre publicizar nas exposições permanentes, no espaço virtual e nas dimensões da educação patrimonial encaminham-se leituras históricas no museu. São espaços de tensão, campos que se devoram, pois museu, memória e patrimônio são campos independentes, embora articulados entre si.



Neste caminhar, memória e poder constituem o campo museal e patrimonial. Isso porque, os museus são espaços de múltiplas leituras de mundo, o que, portanto, implica em um constante direcionamento à dimensão do litígio. A dimensão de litígio, no que lhe toca, é cristalizada no pressuposto de que em todo lugar de memória há uma gota de sangue, e que, portanto, é inteiramente permeado pelo jogo do poder. Nesse sentido, sustento que onde há memória há esquecimento e “lá onde há poder há resistência” (Foucault, 2009, p. 91).

### **Dos bens culturais das mulheres negras à representatividade no Museu Afro Brasil/SP.**

Na análise realizada no Museu Afro Brasil/SP, problematizamos no percurso de análise, dois campos importantes de formação da consciência histórica: a exposição permanente e os projetos educativos do Núcleo de Educação<sup>13</sup>.

A preocupação em problematizar a representação/representatividade das mulheres negras na exposição nos levou a dialogar sobre a ‘imersão cultural’ das pessoas que utilizam o espaço do museu como um espaço para ensinar história. Entretanto, alguns questionamentos ordenaram as análises: Por que os bens femininos estão dispostos em determinados espaços dos museus? É possível encontrar bens culturais femininos negros em todos os museus históricos?

Essas e outras problematizações são necessárias para aprofundar nossa análise, isso porque a pretensão se dá em expandir as perspectivas de ensino-aprendizagem sobre as memórias das mulheres negras, seus bens culturais, suas contribuições culturais, retirando-as dos silenciamentos historiográficos e apresentando um universo múltiplo, diverso, bem como a representatividade como fomento para a igualdade de gênero.

A vinculação histórica e educacional se dá pelos objetos, mas não encaminha as singularidades de cada grupo em seu gênero. Para Maria Margareth Lopes, “[...] as mulheres têm atuado, e de forma decisiva, nos museus há séculos, embora sua ação não venha sendo exatamente reconhecida” (Lopes, 2006, p. 41).

As concepções entre museus de história e historiografia ou ensino da história podem ser ampliadas, pois “o museu de história trabalha com o repertório das fontes do historiador, sanciona a emergência de novas curiosidades, tem seu próprio peso nas vicissitudes dos interesses sábios” (Poulot, 2003, p. 43-44).

No campo da memória, é importante frisar que espaços museológicos podem projetar narrativas e diálogos que perpassam diferentes temporalidades. A abordagem sobre a memória, museus e ensino de história se constitui uma perspectiva que se dimensiona num processo que envolve a compreensão do outro, do sentido de uma proposta que atravessa a aprendizagem histórica. A memória é social se emaranha

no que é produzido nas narrativas de grupos, de manutenção de lembranças que se desdobram em significações sociais. A memória é social porque é uma necessidade vital para a alma humana.

De acordo com Candau (2008, p. 23) “a memória de alto nível, feita igualmente de esquecimento, pode beneficiar-se de extensões artificiais que derivam do fenômeno geral da expansão da memória”. Desta maneira, abordar a constituição das memórias produzidas a partir das representatividades e representações culturais das mulheres negras em museus encaminha para a construção de ‘crenças e olhares’ sociais sobre determinados grupos culturais.

Ou seja, produzem-se narrativas sobre determinados grupos culturais a partir de um prisma que convencia os lugares que podem ser espaços de atuação/representação, centralizando diálogos sobre um universo empírico. A representação é um conceito que fundamenta os processos de musealização, do que se projeta na disseminação tanto do que está apresentado, quanto do que está silenciado. Sobre as práticas e apropriação, Chartier (2002, p. 26) afirma que “tem como objetivo uma história social das interpretações, remetidas para duas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais e culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem”.

Em relação ao conceito de representatividade pode-se dizer que aglutina traços e características que contribuem para a construção e projeção sobre as identidades individuais e coletivas, das noções de “representação mental” e “representação mimética”, em que “[...] reunir os traços ou características que se consideram comuns de um conjunto de coisas ou pessoas, ou que definem um grupo ou uma série de coisas ou pessoas” (Sánchez-Mora, 2017, p. 62).

Assim, um museu corresponde às funções prioritárias que vão desde o deleite afetivo pelas relações de subjetividade que se estabelecem entre os indivíduos e as coisas, num contraponto entre o que agrada e o que desagrada, o que encanta e o que perturba, bem como para a busca de informações e dados. Tanto as sensações causadas num ressoar de emoções e sentimentos, como as reflexões e pensamentos sobre a experiência com a exposição do museu são compreendidas como formas de formação humana.

Dialogar sobre as mulheres negras num Museu Afro encaminha para algumas leituras culturais sobre o que é apresentado ao público, entretanto o fio condutor e complicador da leitura se dá pela forma é assimilado historicamente pelas crianças e jovens. E é nesse ínterim que a aprendizagem histórica se faz primordial, pois encaminha as interpretações sobre os estranhamentos, identificações, conceituações por parte do público escolar.

Refletir sobre os bens culturais femininos negros contribui para a formação histórica de crianças e jovens, a partir de memórias e representatividades femininas

# ARTIGO

negras, amplia e aprofunda as dimensões do enfrentamento às narrativas coloniais. Compreendendo a representatividade como um expoente histórico que pode contribuir para diferentes sujeitos terem leituras de mundo que partam dos bens culturais apresentados em espaços como os museus.

Os registros, objeto, adornos, vestimentas constituem-se como propulsores das memórias herdadas da ancestralidade, remetem a cultura material de ser mulheres negras em espaços que, historicamente, demarcavam as identidades apenas pelo modelo patriarcal, branco e eurocêntrico.

E, dialogar com crianças e jovens sobre a participação efetiva das mulheres negras na sociedade brasileira, contribui para fomentar reflexões sobre a pluralidade de suas ações, combatendo o racismo estrutural e o patriarcado. Ou seja, significa analisar a contribuição de mulheres negras, para além das margens da história, colocando-as no centro do debate histórico, seja pelos objetos dos museus que apresentam os adornos nos cabelos, no pescoço, nas mãos, braços, seja pelas lutas diárias.

Ainda trilhamos muitos caminhos para a visibilidade das mulheres negras, para além dos espaços de exploração. Ter representatividade no museu insere-as em outros contextos, de linguagem, de imagens, de símbolos, de vivências edificadas e com reconhecimento cultural, social e político. Tanto que a museologia de gênero incorporou, como espaço de diálogo, o saber-fazer feminino negro em suas abordagens e discussões. Pois, segundo Lugones (2014, p. 943), nos Estados Unidos há uma linha divisória entre o termo “mulher” e “negro” que, indica a ausência das mulheres negras ao invés de sua existência, e que o termo “mulheres” refere-se somente a mulheres brancas, pois as negras não fazem parte do público de mulheres burguesas europeias, que é necessário pensar neste público feminino negro não só como oprimidas, mas também como resistentes e deixando seu papel fragmentados de mulheres colonizadas no passado e passem a se perceber e compreender como intermediadoras espontâneas das culturas nativas.

Analizando pela perspectiva da museologia de gênero aprofundam-se algumas concepções da museologia social, em que “um dos papéis fundamentais da Museologia Social é procurar entender, discutir e agir coletivamente contra as imposições e opressões da sociedade.

George Hein (1998) atrela a concepção histórica a um modelo de “museu construtivista”, ou seja, os diversos estilos de aprendizagem dos públicos devem ser tidos em atenção pelos educadores de museu. É essencial saber como é que o meio social e cultural dos indivíduos influencia as suas experiências como visitantes. Interessa também dar a conhecer aos visitantes o processo de pensamento subjacente à exposição e envolvê-los neste processo de vários modos.

## Considerações Finais

Este artigo chega numa encruzilhada de análise, em que ainda há muito a percorrer, mas com pouco tempo para discorrer. Permitindo, talvez que outros/as leitores/as se embrenhem e sensibilizem a aprofundar a investigação sobre as mulheres negras em museus, num sentido de romper com o ‘perigo de uma história única’, como afirma Adiche (2009, p. 23):

[...] pois é impossível falar sobre única história sem falar sobre poder. Há uma palavra, uma palavra da tribo Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo, e a palavra é nkali. É um substantivo, que livremente se traduz: ‘ser maior do que o outro.’ Como nossos mundos econômicos e políticos, histórias também são definidas pelo princípio do nkali. Como são contadas, que mas conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder.

Levando em conta o quanto complexo e cheio de nuances é o processo de interpretação feito pelos visitantes nos museus, indica a necessidade de mais pesquisas nesse campo. “Nesse aspecto a negociação entre a exposição e o visitante e a relevância da mediação no processo de ressignificação são questões a serem discutidas”. A pesquisadora em questão ressalta também que “o processo de aprendizagem nesses espaços é frequentemente centrado nas exposições e que o diálogo entre elas e o público pode assumir diferentes estilos e formas de interpretação” (Cazelli *et al.*, 2003, p. 95).

Ou como no lega a análise de Joana Silva (2015, p. 101) “vamos imaginar que numa exposição no século XXI, seja possível [...] darmos voz às falas silenciadas e aos nomes esquecidos pela historiografia oficial do país. Tornar visível o protagonismo feminino aos níveis museal e patrimonial é também entendido como um ato de justiça e um passo em frente na construção de uma sociedade mais justa, que aplica os conceitos de igualdade de gênero, de inclusão social e de democracia participativa (Rechena 2011, p. 239). Relegando as pessoas que frequentam o museu, a consistência da resistência, da crítica a uma sociedade excludente e, que se deleite na pluralidade que esse espaço museológico oferece.

## Referências

- ADICHIE, Chimamanda. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. Buenos Aires: Ediciones Del Sol, 2008.

CARMO, Sura Souza; VIEIRA, Flávia Cristina Costa. Intersecções entre gênero, raça e trabalho: o vestir-se das negras de ganho no século XIX. *Veredas da História*, Salvador, v. 13, n. 2, p. 100-125, dez. 2020.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a

partir de uma perspectiva de gênero. *Portal Geledés*, São Paulo, 6 mar. 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>. Acesso em: 20 dez. 2022.

CAZELLI, Sibele; MARANDINO, Martha; STUDART, Denise. Educação e comunicação em museus de ciência: aspectos históricos, pesquisa e prática. In: GOUVÊA, Guaracira; MARANDINO, Martha; LEAL, Maria Cristina (org.). *Educação e museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciências*. Rio de Janeiro: Access, 2003. cap. 4, p. 83-106.

CHAGAS, Mário de Souza. Os museus e as novas formas de institucionalização das memórias: tecnologias e práticas sociais. *Comunicações do ISER*, Rio de Janeiro, v. 59, p. 55-60, 2004.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

COSTA, Andréa; CASTRO, Fernanda; CHIOVATTO, Milene; SOARES, Ozias. Educação museal. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Caderno da Política Nacional de Educação Museal*. Brasília, DF: IBRAM, 2018. p. 73-77. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/cadernos-e-revistas/caderno-da-politica-nacional-de-educacao-museal/view>. Acesso em: 22 dez. 2022.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas desde o feminismo decolonial. In: MELO, Paula Balduino de et al. (org.). *Descolonizar o feminismo*. Brasília, DF: Editora IFB, 2019. p. 32-51.

DESVALLÉES, André. "Cent quarante termes muséologiques ou petit glossaire de l'exposition". In: BARY, Marie-Odile, TOBELEM, Jean-Michel, *Manuel de muséographie*, Paris: Séguier – Option Culture, 1998. p. 205-251.

E NÃO sou uma mulher? – Sojourner Truth. Tradução: Osmundo Pinho, do Scribd. *Portal Geledés*, São Paulo, 8 jan. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acesso em: 22 dez. 2022.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. 45. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ: MINC-IPHAN, 1997.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

GOLA, Eliana. *Joia: história e design*. São Paulo: SENAC, 2008.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. Uma certa liberdade. In: FARIA, Juliana Barreto; GOMES, Flávio; XAVIER, Giovana (org.). *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2012. p. 134-148.

HEIN, George. *Learning in the museum*. London: Routledge, 1998.

JACCOUD, Luciana. O combate ao racismo e à desigualdade: o desafio das políticas públicas de promoção da igualdade racial. In: THEODORO, Mário; JACCOUD, Luciana; OSÓRIO, Rafael; SOARES, Sergei (org.). *As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição*. Brasília, DF: Ipea, 2008. cap. 6, p. 131-166.

KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. Amas na fotografia brasileira da segunda metade do século XIX. *Studium*, Campinas, p. 1-4, 2007. Número especial.

KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. *Negros no estúdio do fotógrafo*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

LOPES, Maria Aparecida de Oliveira. Museu Afro Brasil: ampliando e preservando os bens materiais e imateriais da cultura afro-brasileira. *Revista Patrimônio e Memória*, Assis, v. 4, n. 1, p. 140-160, 2006.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo decolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez. 2014.

MARTINS, Luiz Carlos Nunes. *No seio do debate: amas-de-leite, civilização e saber médico no Rio de Janeiro*. 2006. Dissertação (Dissertação Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2006.

MUCHACHO, Rute. O museu virtual: as novas tecnologias e a reinvenção do espaço museológico. In: FIDALGO, António; SERRA, Paulo (org.). *Estética e tecnologias da imagem*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2005. v. 1, p. 579-583.

MUSEU AFRO BRASIL. *Documento normativo SP, 2021/2022*. São Paulo: Governo do Estado, 2022. Disponível em: <http://museuafrobrasil.org.br>. Acesso em: 22 dez. 2022.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

POULOT, Dominique. Museu, nação, acervo. In: BITTENCOURT, José Neves; TOSTES, Vera; BENCHETRIT, Sara (org.). *História representada: o dilema dos museus*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003. p. 25-62.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

RECHENA, Aida Maria Dionísio. *Sociomuseologia e gênero: imagens da mulher em exposições de museus portugueses*. 2011. Tese (Doutorado em Museologia) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2011.

SÁNCHEZ MORA, María del Carmen. Diversos enfoques sobre as visitas guiadas nos museus de ciência. In: MASSARANI, Luisa; MERZAGORA, Matteo; RODARI, Paola (org.). *Diálogos & ciência: mediação em museus e centros de ciência*. Rio de Janeiro: Museu da Vida: Fiocruz, 2017. p. 21-26.

SCHEINER, Teresa Cristina. *Museu e contemporaneidade*. Rio de Janeiro: UNIRIO: UGF, 1994.

SILVA, Joana Angélica Flores. *A representação das mulheres negras nos museus de Salvador: uma análise em branco e preto*. 2015. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

SILVA, Robson Roberto. A presença das amas-de-leite na amamentação das crianças brancas na cidade de São Paulo no século XIX. *Antíteses*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 297–322, 2016.

VALENTE, Maria Esther; CAZELLI, Sibele; ALVES, Fátima. Museus, ciência e educação: novos desafios. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 12, p. 183-203, 2005. Suplemento.

VERGÈS, Françoise. *Decolonizar o museu: programa de desordem absoluta*. Traduzido por Mariana Echalar. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

## Notas

<sup>1</sup>Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. Professora de História da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, e colaboração técnica UFSC, PPGEdU/CPTL/UFMS, Profhistória-UFSC. Brasil.

<sup>2</sup>Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade do Estado de Santa Catarina.

<sup>3</sup>Esse discurso foi proferido como uma intervenção na Women's Rights Convention em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 1851. Em uma reunião de clérigos onde se discutiam os direitos da mulher, Sojourner levantou-se para falar após ouvir de pastores presentes que mulheres não deveriam ter os mesmos direitos que os homens, porque seriam frágeis, intelectualmente débeis, porque Jesus foi um homem e não uma mulher e porque, por fim, a primeira mulher fora uma pecadora. Foi proferido em Austin, janeiro de 2014 (Tradução: Osmundo Pinho,

# ARTIGO

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (Cachoeira)/ *University of Texas (Austin)*.<sup>4</sup> Fonte: (E não [...], 2014).

<sup>4</sup>A análise apresentada neste artigo compreende um recorte da pesquisa desenvolvida entre 2019-2022, voltada a problematizar alguns artefatos, objetos, vestimentas negras no Museu afro Brasil em São Paulo.

<sup>5</sup>Em relação a ensinar história no museu, têm-se algumas contribuições metodológicas como a educação patrimonial, a educação museal, musealização e educação, entre outros.

<sup>6</sup>Há vários projetos que envolvem o universo feminino negro no Museu. Um deles que analisamos é intitulado “Encontro marcado na biblioteca. No Núcleo de Educação, há os projetos: “Aos pés do baobá; Encontro com Artista; Ateliê Aberto; Brincar com Arte; Oficinas. Exposição de Longa duração: Arte e religiosidade afro-brasileira, A mão afro-brasileira nas Artes Visuais, Festas. O Sagrado e o Profano, Arte africana. Há as Exposições Temporárias: Portugal Portugueses, Arte Contemporânea, África Africana, arte, adorno, design e tecnologia no tempo da escravidão. Há também os Roteiros Temáticos: Universo Gueledé, Emanoel Araujo e São Paulo: Uma afinidade de cinco décadas, Fragmentos linchados de Melvin Edwards, Luiz Gama: Lugares de Memória.

<sup>7</sup>Salienta-se que nossa pesquisa não se concentra na história do museu, nem na perspectiva museológica dele. E, sim, nas exposições e coleções que versam sobre as mulheres negras, em diferentes períodos históricos no Brasil. A pesquisa também foi realizada, desde 2019, no site e nos documentos, com imagens que constam do acervo virtual do museu. A intenção se deu em pesquisar os materiais possíveis para leitura como fontes históricas, como objetos, imagens e suas possibilidades para ensinar a história das mulheres negras a partir dos bens culturais.

<sup>8</sup>As amas de leite eram mulheres negras que tinham seus filhos retirados delas (escravas) ou quando alforriadas, tinham essa função como sustento. Há alguns estudos apropriados sobre essa temática: (Koutsoukos, 2007).

<sup>9</sup>Há diferentes estudos que abordam a representatividade das mulheres negras e suas ações de empoderamento, vide: Gonzalez (1984); Jaccoud (2008).

<sup>10</sup>Os orixás são ancestrais divinizados pelo candomblé, religião trazida da África para o Brasil, durante o século XVI, pelo povo iorubá. Oxum representa a deusa da beleza, orixá do amor, da fertilidade e da maternidade, responsável pela proteção dos fetos e das crianças recém-nascidas, adorada pelas mulheres que querem engravidar. Ver mais em: Prandi (2005).

<sup>11</sup>Jean-Baptiste Debret foi um viajante francês que escreveu sobre sua visita ao Brasil, tendo várias obras com imagens sobre os grupos afro-brasileiros.

<sup>12</sup>Ver: Museu Afro Brasil (2022).

<sup>13</sup>O Núcleo de Educação do Museu Afro Brasil, além dos roteiros de visitas, oficinas, eventos, encontros e publicações como a Educamab – Revista do Núcleo de Educação do Museu Afro Brasil, no seu trabalho de mediação do acervo do Museu Afro Brasil, organiza diversos materiais pedagógicos a partir do Exposição de Longa Duração do Museu assim como das exposições temporárias. A análise realizada neste artigo versa sobre os projetos de educação.

